

A ARTE NO PROCESSO EMANCIPATÓRIO DA EDUCAÇÃO EM ADORNO

Leina Cristina da Luz¹

Vanessa de Paula²

RESUMO

Neste trabalho será exposto a teoria estética de Theodor Adorno (2006), filósofo que fez parte da Escola de Frankfurt. Ela trouxe à tona uma crítica a respeito da comercialização da arte. Procuramos enfatizar como é possível uma educação pela arte que emancipe as pessoas, desta maneira, pensamos a possibilidade de saída do sistema imposto pela Indústria Cultural. Para o desenvolvimento deste trabalho foi feita uma revisão bibliográfica de comentadores do autor e outros pensadores que seguem uma linha paralela à sua teoria. Partindo da ideia de Adorno (2006a), a Indústria Cultural domina o que se denomina como “cultura de subserviência”, ou seja, uma cultura bajuladora e servil. Por isso, articula os indivíduos e anula qualquer possibilidade de revolta contra o seu sistema, impedindo a crítica, promovendo a pseudo felicidade nos indivíduos que se tornam objetos não autônomos da Indústria Cultural. Como resultado disso, encontra-se uma “paralisia mental”, uma vez que os indivíduos se adaptam aquilo que é proposto sem reflexões ou questionamentos acerca da situação em que estão.

Palavras-chave: Educação; Emancipação; Arte; Adorno; Indústria Cultural.

ART IN THE PROCESS EMANCIPATORY OF EDUCATION IN ADORNO

ABSTRACT

This work will discuss the theory of Theodor Adorno (2006a), a philosopher from Frankfurt School. This theory brought to light a critic about the commerce of art. The paper emphasizes that, as a matter of fact, it is possible to emancipate people by educating them through art. Therefore, it addresses the reality of an exit from the system imposed by the Cultural Industry. This work is based on a literature review of the author's commentators and other thinkers who follow a parallel line to his theory. Uses Adorno's idea (2006), the Cultural Industry dominates what is called the “culture of subservience”, i.e. a flattering and servile culture. Thus, it articulates individuals and annihilates any possibility of revolt against the system, preventing criticism, promoting pseudo happiness in individuals who become dependent objects of the Cultural Industry. As a result, there is a “mental paralysis”, for individuals adapt to what is proposed without reflecting on or questioning about the situation they are in.

Keywords: Education; Emancipation; Art, Adorno; Cultural Industry.

¹ Licenciada em Filosofia pelo Instituto de Ensino Superior Sant'Ana (IESSA), aluna da Pós- Graduação em Metodologia do Ensino Superior e EAD da FAEL. E-mail para contato: profleinacristina@gmail.com

² licenciada em Filosofia no Instituto de Ensino Superior Sant'Ana (IESSA). E-mail para contato: vanessadepaula@gmail.com

INTRODUÇÃO

Theodor Adorno (2006a) em sua Teoria Estética nos propõem pensar o que é a arte, tendo em vista que este é um assunto muito amplo, muitas vezes temos apenas uma ideia vaga do que venha a ser a arte. Segundo o autor, desde os anos 1910 a arte possuía um caráter revolucionário e tinha a pretensão de ter uma vasta extensão, mas isso gerou ramificações de categorias que serviram apenas de tabus artísticos, limitando a arte. Desta forma, a arte passou de liberdade absoluta à domínio particular, ou seja, havia o movimento de não- liberdade no todo. Para Adorno (2006a, p.11), “o lugar da arte tornou-se nele (no todo) incerto”.

A definição do que a arte significa é sempre dada previamente pelo que ela foi e é legitimada por aquilo em que poderá talvez tornar-se. Sendo interpretável pela lei do seu movimento, não por invariantes, determina-se na relação com o que ela não é.

Adorno faz uma denúncia à arte produzida pela Indústria Cultural³, condenando-a como mero produto ilusório e alienador. Chauí (2010, p.246) cita a arte como uma “eterna novidade do mundo”, pois por meio dela vivemos experiências novas e passamos a nos dar conta de circunstâncias até então ignoradas. Neste sentido, desde seu surgimento, as obras de arte foram criadas como forma de expressão e transformação da realidade. No entanto, a arte em geral foi submetida às regras de mercado no mundo capitalista, desta maneira, tornou-se objeto de lucro e foi superficializada para horas de entretenimento e lazer da vida imediata. Assim, a arte se torna uma “arte do sono”, que não transfigura o mundo nem é dotada de criatividade

Portanto, nosso desafio é pensar uma arte que sirva como meio educativo para emancipar-se e emancipar ao outro. Os frankfurtianos não propõem uma solução

³ Este termo surgiu com Adorno e Horkheimer, integrantes da Escola de Frankfurt, para designar a situação da arte na sociedade capitalista contemporânea onde os padrões sociais que se repetem e os valores estéticos e de percepção são pautados no senso comum cuja finalidade é o consumismo.

definitiva para este problema e este não é o objetivo deles, visto que ditar ideias prontas faz parte da crítica deles, porém, afirmam uma possibilidade livre de doxa de quebra com o sistema da Indústria Cultural e é este o foco deste trabalho.

Neste sentido, levantamos, por meio da Teoria Estética de Adorno, uma possibilidade de educação que leve o sujeito a emancipação pela arte. Buscamos compreender como tornar o cotidiano escolar parte integrante do processo de (des)alienação que rege nossa sociedade do consumo e desta forma levantamos a questão de como seria possível sair do sistema imposto pela Indústria Cultural.

1 A ARTE EM QUESTÃO

Por um longo tempo a arte tornou-se sinônimo de humanidade, porém esta característica foi abalada porque devido os acontecimentos como a Primeira e a Segunda Guerra, o genocídio e outras atrocidades, a humanidade tornou-se menos humana. A arte continua sendo autônoma, mas cega-se, visto que há a constante “incerteza do ‘pra quê’ estético”. A arte puramente dita não limita-se ao mundo empírico, mas cria seu próprio mundo de igual realidade. Sendo assim, não é possível delimitar a arte porque “a arte tem o seu conceito na constelação de momentos que se transformam historicamente; fecha-se assim à definição” (ADORNO, 2006a, p.11-13). Portanto, a arte, se submetida a uma tentativa ontológica de explicação de sua origem, traria apenas o ponto de vista de que não se pode classificar uma identidade fixa da arte. Assim, nas palavras de Adorno (2006a) “a definição do que é arte é sempre dada previamente pelo que ela foi outrora, mas apenas é legitimada por aquilo que se tornou, aberta ao que pretende ser e àquilo em que poderá talvez se tornar.” (ADORNO, 2006a, p.11-13) Neste sentido, tentar definir o que é arte não leva a lugar algum, já que a arte participa de um devir entre o que ela é e o que ela não é.

Adorno (2006b) considera a arte como um sistema ambíguo entre o estado transitório e o Ser Absoluto hegeliano. O conteúdo da arte é a sua própria efemeridade e surge em contrapartida à barbárie dos tempos de outrora. A partir disso, a pergunta que se coloca é a seguinte: Estando a sociedade livre da barbárie, qual é a atual função da arte? Para Adorno (2006b) a arte e o declínio são co-dependentes, ou seja,

o declínio é o que suprime a arte, faz dela autônoma e cria uma relação de oposição e estranheza frente à sociedade. A arte surge com um movimento de repulsa. Assim como o sagrado não existe fora do profano, o ser da arte não existe sem o não ser, o belo estético se dá por meio do feio. Este é um processo que renova-se e as obras de arte são perguntas a suas próprias respostas.

A arte é, então, um “ser- para- si”: “(...) pinta-se um quadro, e não o que ele representa. (...) A identidade estética deve defender o não- idêntico que a compulsão à identidade oprime na realidade.”(ADORNO, 2006a, p.15). Ainda que a arte extraia o seu conteúdo da empiria, não deve se perder na realidade empírica, pois esta é apenas uma “experiência externa coisificante”, e como produto do trabalho social deve se comunicar com a empiria, e não limitar-se a ela. A exemplo, uma pintura não pode ser descrita com palavras ou fórmulas, apenas nos é possível descrever o que elas não são, justamente porque as obras de arte “não simulam a literalidade do que elas exprimem. Mas são reais enquanto resposta à forma interrogativa do que lhes vem ao encontro a partir do exterior.” (ADORNO, 2006a, p.16)

Adorno afirma que nenhuma categoria filosófica é suficiente para definir a essência da arte. Os juízos que se podem fazer são atribuídos unicamente aos produtos de arte. Por possuir um caráter de não- intencionalidade, a arte tem suas definições mais felizes na Psicologia. Neste sentido, a arte seria “projeções do inconsciente daqueles que a produziram”, este seria um campo onde não há censura: excluem-se as formalidades hermenêuticas, acentua-se o sexo e nega-se a existência. (ADORNO, 2006a, p.19)

A arte pode, então, ser considerada como uma fuga à sociedade. Para Adorno, existem muitos motivos para se fugir da realidade, o que legitima a arte. Nela encontramos “o desejo de construir um mundo melhor, libertando assim a dialética total, ao passo que a concepção de obra de arte como linguagem puramente subjetiva do inconsciente não consegue apreendê-la.” (ADORNO, 2006a, p.20)

Como já abordado neste trabalho, a arte é um produto do devir, mas ela não deixa de ser um produto do prazer. Um caráter fetichista trouxe o rancor daqueles que foram excluídos da cultura e impediu que os artistas espiritualizassem a arte cada vez

mais, pois sabe-se que sempre houve simpatia dos modernos pelo passado, amor pelo exótico e abstração dos objetos como algo desejável. (ADORNO, 2006a, p. 25)

Num mundo enriquecido pela técnica, nada é de fato considerado feio, pois o que aparece como feio é o que está historicamente envelhecido. De certo modo, mais o belo surgiu do feio que o contrário. A definição da estética como teoria do belo tem pouco valor, porque o caráter formal do conceito de beleza deriva do conteúdo estético. Se a estética não fosse um catálogo sistemático de tudo o que é chamado belo, no que visa a reflexão estética, o conceito de belo figura apenas como um momento. A ideia de beleza transmite algo de essencial na arte sem que o exprima imediatamente. Hegel petrifica a dialética estética por meio da definição estática do belo como a aparição sensível da ideia. A universalidade fatal do conceito do belo não é, no entanto, contingente. (ADORNO, 2006a, p. 65 e 66)

Adorno (2006a) explica que o belo natural é o mito transposto para a imaginação:

O canto das aves a todos parece belo; nenhum homem sensível existe, no qual sobreviva algo da tradição europeia, que não fique comovido com o canto de um melro depois da chuva. No entanto, no canto das aves, espreita o terrífico, porque não é um canto, mas obedece ao sortilégio que o subjuga. O terror aparece ainda na ameaça das migrações de aves, nas quais se deve ver o antigo augúrio, sempre de desgraça. (ADORNO, 2006a, p. 82)

A arte não imita a natureza, mas o belo natural em si. O seu objeto define-se negativamente, com isso, a arte necessita da filosofia para que seja interpretada por ela, para dizer o que a mesma não consegue dizer, enquanto que só pela arte pode ser dito e talvez não interpretada. (ADORNO, 2006a, p. 89)

A transição do belo natural para o belo artístico é dialética de transição para a dominação. É artisticamente belo o que é objetivamente exposto no quadro, que em virtude da sua objetividade transcende a dominação. As obras de arte libertam-se dela, ao transformarem em trabalho produtivo o comportamento estético sensível ao belo natural, porém, enquanto linguagem dos homens, a arte gostaria de se aproximar daquilo que, na linguagem da natureza, se oculta aos homens. (ADORNO, 2006a, p. 94)

Dentro desta concepção, encontra-se em Adorno, os conceitos de valor e uso, para ele, aquele que não consegue diferenciar o prazer sensual de uma obra de arte

não está apto para a experiência artística, visto que seu objetivo é exclusivo para a obtenção do prazer. Esta situação gera o que o autor distingue como “propriedade cultural coisificada”, ou seja, quando a arte se torna apenas um produto de mercantilização. Surge, assim, a conceito de Indústria Cultural. Na Indústria Cultural os produtos não são artísticos, são apenas voltados a atender as demandas do mercado. (ADORNO, 2006 apud CABRAL, 2015) A Indústria Cultural pode ser entendida como uma fábrica que oferece produtos para promover “uma satisfação compensatória e efêmera, que agrada os indivíduos”, desta forma, ela submete as pessoas ao seu monopólio e as torna acríticos, uma vez que “seus produtos são adquiridos consensualmente”. (ADORNO, 2006 apud CABRAL, 2015)

Para Chauí:

[...] os produtos da indústria cultural são confrontados com o ideal artístico de representação da “vida verdadeira”. Mercadorias no sentido integral da expressão, tais produtos, construídos em função do efeito visado, abolem a autonomia da obra de arte, logo, a possibilidade desta atuar como fonte de conhecimento, como reserva utópica e sobretudo como atividade emancipadora. (MUSSE, 2003, p.13 apud CHAÚÍ, 2010, p.257)

Na Indústria Cultural, divertir significa unicamente “não pensar, esquecer o sofrimento”. As pessoas vivem numa ficção que atrofia a mente e as torna impotentes, pois estão “embriagadas” por aquilo que a publicidade gerou.

Com a produção em grande escala, o que se vê surgir não é uma democratização da obra de arte, mas um forte instrumento de manipulação da massa que age passivamente frente à isso. A indústria cultural precisa vender os seus produtos e para isso precisa agradar o consumidor, portanto, ela não pode perturbá-lo, chocá-lo, pois o que gera crítica não vende e isto descaracteriza totalmente o papel da arte.

Sair desse sistema é extremamente difícil, mas o autor nos diz que precisamos buscar meios para alcançarmos essa saída: “(...) é praticamente impossível fugir desse modelo, mas deveríamos buscar fontes alternativas de arte e de produção cultural, que, ainda que sejam utilizadas pela indústria, promovessem o mínimo de conscientização possível.” (ADORNO, 2006 apud CABRAL, 2015)

Além da dificuldade de saída desse sistema, existe também a chance de ao tentar sair dele, apenas o afirmarmos de forma diferente e, uma vez que se consiga

sair, o que se produzirá após isso, de fato, não agradará as mentes adestradas ao modelo que a Indústria Cultural impõe e portanto, o alcance de novas perspectivas será dificultado. A proposta é, então, fazer do consumo um caminho para a autonomia, pois “essa ruptura entre cultura e sociedade é consequência da organização capitalista da vida social que, segundo Adorno, é superada somente a nível político e social”. (ADORNO,2006 apud OLIVEIRA, 2015, p. 40)

Analisando nesse sentido, para Bertoni:

Essa “necessidade social” destacada por Adorno seria a busca de uma “identidade coletiva” pela qual o indivíduo precisa consumir os produtos da Indústria Cultural para se sentir parte de um todo. Porém um todo ilusório, porque esta busca do coletivo, do “sentir-se igual” acaba por reforçar a marginalidade a que está destinada maioria da população já marginalizada economicamente. (ADORNO, 2006 apud BERTONI, 2001, p 77)

Entretanto, o consumo desnecessário de bens supérfluo, apenas para se estar entre a maioria da população consumidora, deixa de se avaliar o que realmente é a prioridade na vida do indivíduo, pois muitas vezes é obtido o produto apenas para satisfazer um prazer efêmero, e nesse sentido deixa de ter uma atitude racional.

2 A ARTE NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA

Nas reflexões de Oliveira (2015), vemos que a função de quem escolhe a atividade filosófica como profissão, e neste caso, trata-se do professor de filosofia, tem por dever renunciar a mentalidade sistemática da qual se refere Adorno, isto é, este trabalho deve ser exercido em prol do combate da alienação dos sistemas e das ideologias que servem como redutoras da autonomia.

Nas palavras de Newton Ramos de Oliveira (2001, p. 59):

Eis aí, o domínio que reclama os esforços dos educadores, esforços que não poderão ficar confinados entre as paredes das salas de aula, mas que deverão ganhar as ruas e os meios de comunicação, e estender-se à todos aqueles que se comprometem com a resistência à barbárie e ao vazio, a todos que lutam pela emancipação da humanidade. Assim, estaremos trazendo o diálogo socrático e a fruição à realidade efetiva.

Assim, pode-se dizer que “[...] o caráter não é algo natural, mas é formado culturalmente” (OLIVEIRA, 2015, p.42). Portanto, o amor se torna peça fundamental

na luta contra a barbárie. “Despertar a consciência crítica” não deixa de ser um ato de respeito ao próximo, pois particularmente temos a tendência a nos julgarmos fora da barbárie e só nos é possível darmos conta dela ao refletir sobre os vários fatores que cercam os indivíduos.

No entanto afirma Aguiar (2008)

A concepção de arte para Adorno não pode ser desvinculada de seu compromisso social. É por meio da análise do fenômeno artístico contemporâneo que o filósofo procura “denunciar” o caráter de manipulação do capital na arte. Crítica social e crítica artística não podem se separar quando o assunto é a consciência das pessoas. (AGUIAR, 2008, s/p)

A arte vem, então, como uma forte arma contra a Indústria Cultural, pois ela nos possibilita pensar por nós mesmos, fazer reflexões acerca de assuntos então esquecidos. Segundo Aranha e Martins (2009, p.419), a arte nos incentiva a “ver o que não está lá”. Para as autoras

A finalidade social da cultura é reconfortar, tranquilizar, permitir que o indivíduo encontre seu lugar. (...) Já a arte é uma obra de risco, envolve o jogo que desestabiliza, desintegra tanto quem a faz quanto quem a recebe. [...] A arte incomoda. (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 412)

Portanto, a arte funciona como uma escada que nos leva à fuga das correntes daquilo que descaradamente a Indústria Cultural impõe, se faz arte para criticar, esclarecer, emancipar. A arte pode ser compreendida como um ataque de dentro do problema: usa-se de meios expandidos pela Indústria Cultural – a exemplo a mídia – para fazer com que as pessoas “pensem fora da caixa” e conquistem, assim, a autonomia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adorno faz uma denúncia à arte contemporânea apontando seu caráter manipulador e instrumentalizado. Percebe-se que a arte e a cultura tornaram-se mero produto de comercialização e há raros – se não ausentes - processos refletivos nela. Com isso, o que se vê surgir são indivíduos alienados pela Indústria Cultural, que estão tão amortecidos pelos seus dopes, que não são capazes de perceber outra possibilidade de arte fora a que lhes é imposto.

A arte foi perdendo sua função crítica e passou a ser uma apenas uma coisa da qual as pessoas fazem uso para fugir da realidade, pois nela não há mais a necessidade de reflexão.

Adorno busca uma nova leitura de arte, que nos possibilite fazer o trabalho inverso da Indústria Cultural. Ainda que haja dificuldades, devemos tentar e não admitir modelos prontos para uso.

Como educadores, temos a responsabilidade de encontrar e seguir um caminho que saia das garras da Indústria Cultural e assim, alcançarmos a nossa própria emancipação e de todos aqueles que estão em contato conosco.

Adorno não está a propor uma solução a se seguir, até porque isto iria contra toda a sua teoria de emancipação que diz que o sujeito deve pensar por si mesmo, mas nos mostra que é possível que uma nova educação emancipe as pessoas e transforme a sociedade.

À exemplo disso, temos o conceito de unidade. A unidade é uma “identidade que significa redução”. Para Adorno (2006a), dizer que uma coisa é igual a outra é na verdade reduzir a primeira à segunda, e isto é para o autor é uma espécie de violência contra o diferente, ao que não se encaixa no modelo pré-estabelecido. A consciência da não- identidade proposta por Adorno (2006b) vem neste sentido aceitar aquilo que é diferente de mim. Por isso questões de segregação social, como Auschwitz, que é um dos maiores exemplos de barbárie contra a vida humana por ansiar extinguir uma raça determinada como inferior, precisam ser repensadas: para que não mais admitamos que o diferente seja excluído simplesmente porque é diferente a nós.

O grande problema para Adorno (2006b) é que enquanto nós aceitarmos questões semelhantes àquelas que nos levaram à Auschwitz, barbáries como esta continuarão a acontecer. Temos por obrigação oferecer uma educação que dê autonomia aos nossos educandos para que eles tenham a capacidade de fazer uma autorreflexão e permaneçam com esta memória viva para não permitir que estas situações se repitam.

Desta maneira, Adorno (2006b) está propondo uma educação emancipatória a medida que aponta os perigos de uma educação autoritária. Portanto, a educação autoritária é a causa do problema de Auschwitz, pois se trata de uma educação

insensível e não consciente, e não forma nada além de novos autoritários e manipuladores, fazendo com que seres humanos sejam coisificados.

Não podemos admitir uma educação que promova a competição e o culto ao mérito, pois estas são ferramentas de distinção e exclusão, sendo, portanto, inimigas de uma educação que aceite as diferenças e lute contra a violência.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Teoria Estética**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70 Ltda. 2006a. 294 p.

_____. **Educação e Emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra. 2006b. 190 p.

AGUIAR, Wisley Francisco. **Adorno e a dimensão social da Arte**. Maringá: Revista Urutágua – revista acadêmica multidisciplinar (DCS/UEM). N 15. Disponível em <<http://www.urutagua.uem.br/015/15aguiar.htm>>. Acesso em 06 jun 2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando** – Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna. 2009. p. 412-419. 4 ed.

BERTONI, Luci Mara. **Arte, Indústria Cultural e Educação**. Caderno Cedes, ano XXI, nº 54, agosto 2001. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/6365/S0101-32622001000200008.pdf?sequence=1> Acesso em 09 jun 2016.

CABRAL, João Francisco P. **Conceito de Indústria Cultural em Adorno e Horkheimer**. Disponível em: <www.brasilecola.com/cultura/industria-cultural> Acesso em 07 jun 2016.

CHAUI, Marilena. **Iniciação à Filosofia**: ensino médio. São Paulo: Ática. 2010. p. 244-258.

OLIVEIRA, Paulo César de. Educação e Emancipação: Reflexões a partir da filosofia de Theodor Adorno. **Theoria** – Revista Eletrônica de Filosofia. p. 37-44. Disponível em: <http://www.theoria.com.br/edicao0109/Educacao_e_Amancipacao.pdf> Acesso em 16 ago 2015.

RAMOS DE OLIVEIRA, Newton; ZUIN, Antônio Álvaro Soares; PUCCI, Bruno (orgs). **Teoria crítica, estética e educação**. Campinas: Autores Associados; Piracicaba: Editora Unimep, 2001. 196 p

Recebido em 18/09/2016

Versão corrigida recebida em 03/11/2016

Aceito em 15/12/2016

Publicado online em 24/02/2017